





RENÉE AHDIEH

Contos
de
A síria
e a
aurora

GZBO Alt

Table of Contents

Folha de rosto

Sumário

[A coroa e a flecha](#)

Apenas uma garota

[O espelho e o labirinto](#)

A fúria da tempestade

[A mariposa e a chama](#)

Um sussurro e um desafio

Um manto de jasmim

Um passeio ao pôr do sol

Infinitas possibilidades

Dias sombrios e uma noite de luz

A lealdade de uma família

Sobre a autora

Créditos VL



Contos

de

A fúria

e a

aurora

RENÉE AHDIEH

Sumário

[*Pular sumário. \[»» \]*](#)

[A COROA E A FLECHA](#)

[Apenas uma garota](#)

[O ESPELHO E O LABIRINTO](#)

[A fúria da tempestade](#)

[A MARIPOSA E A CHAMA](#)

[Um sussurro e um desafio](#)

[Um manto de jasmim](#)

[Um passeio ao pôr do sol](#)

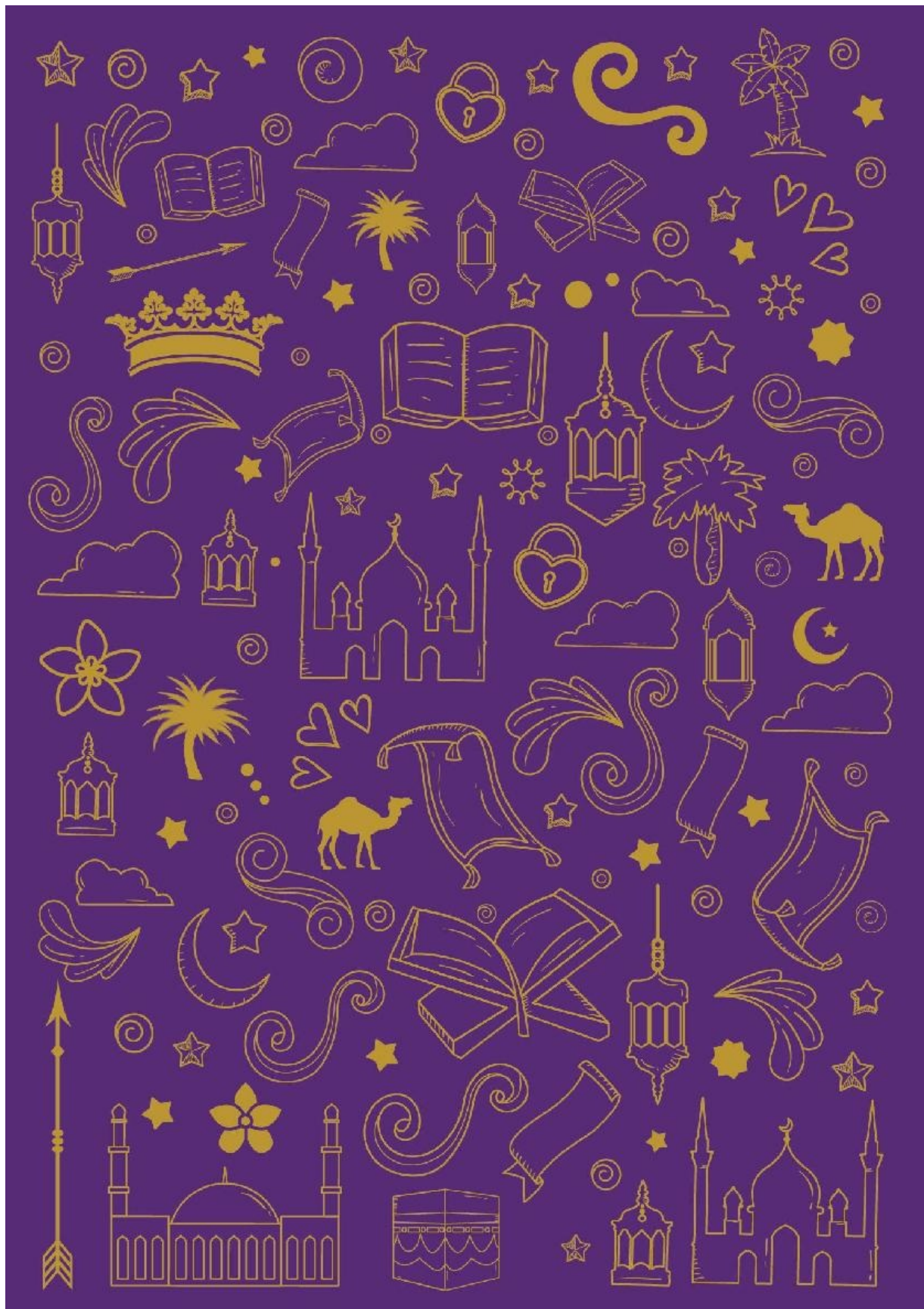
[Infinitas possibilidades](#)

[Dias sombrios e uma noite de luz](#)

[A lealdade de uma família](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[CRÉDITOS](#)





A coroa

e a

flecha



Apenas uma garota

Estranho que tivesse chegado a isso. Estranho e adequado.

Uma vida ditada pelo nascer e o pôr do sol.

Nesses momentos de calma reflexão, Khalid com frequência lembrava o que sua mãe lhe

dizia quando criança. Uma criança que temia a escuridão e suas muitas sombras.

— Não tema o que o pôr do sol pode trazer. Porque onde o sol se põe, ele também nasce.

Como ele sabia bem disso agora. Tantos anos depois.

Khalid obrigou a si mesmo a olhar seu reflexo no espelho.

Exatamente como fez nos últimos setenta e dois dias.

Setenta e duas auroras e setenta e dois crepúsculos.

Khalid odiava ver os olhos de seu pai refletidos no espelho. Odiava a lembrança

de quem ele

era e por que aqueles eventos terríveis estavam acontecendo.

O filho de um monstro. O sangue de um louco.

Sangue clama por sangue.

As linhas de seu rosto tornaram-se sombrias. Khalid suspirou. Suas sobrancelhas se juntaram

e logo em seguida relaxaram.

Tudo aquilo não era culpa de ninguém além dele. Era dele, e apenas dele.

— *Sayyidi?* — Uma voz grave às suas costas cortou seu transe melancólico. — Está na hora.

Quando Khalid se virou, encontrou seu tio de pé na entrada de sua antecâmara. A feição do

shahrbān de Rey estava envelhecida, sua expressão, resignada.

Ele observou o semblante de Khalid.

— Terminará logo. — Seu tom era calmo. Tinha a intenção de tranquilizar. Mas, como

sempre, era áspero demais para atingir o efeito desejado.

— Não — Khalid disse suavemente. — Isto... não terminará nunca.

O *shahrbān* suspirou, seus ombros vergando.

— Me perdoe, *sayyidi*. Não pretendia diminuir a gravidade da situação.

— Eu sei.

Um silêncio desconfortável se instalou. O *shahrbān* fez um gesto como se fosse estender a

mão, mas se conteve, seus dedos se fechando no ar. Sem outra palavra, ele deu um passo para o

lado, para liberar a passagem de Khalid.

Antes de entrar no corredor de alabastro além de seus aposentos, Khalid se endireitou.

— Onde está Jalal?

— O capitão da guarda já está na sala do trono, *sayyidi*.

Quase sem perceber, Khalid assentiu com a cabeça.

Aquilo nunca cessava para que ele pudesse descansar. Como todos conseguiam voltar a seus

postos com tanta facilidade? A tranquilidade de pensamentos não ditos. Um rei e seu general.

Eles logo foram rodeados pelo séquito de guarda-costas de Khalid. Os soldados marchavam

sincronizados, quatro de cada lado. Rostos sérios. Determinados. O Rajput os acompanhava de

perto, sempre vigilante. Porque todos os seus homens sabiam que, com o crescimento das

ameaças direcionadas ao jovem califa de Khorasan, todo cuidado era pouco.

O menino-rei assassino de Khorasan.

Como se pudesse ler os pensamentos de Khalid, o Rajput pôs a mão sobre o punho de sua

talwar, seu olhar perscrutando todas as direções. O perigo frequentemente espreitava através das

mesmas sombras que Khalid temia quando criança. No escuro que ele sempre evitara.

Na escuridão em que Khalid agora se sentia mais à vontade.

Durante algum tempo, os únicos sons à sua volta eram o farfalhar de sandálias contra a pedra

polida. E ocasionalmente o ruído de uma espada.

Khalid se ocupou em observar os raios de sol se movimentando sobre os painéis esculpidos.

A maneira como a luz dançava e se dobrava sobre si mesma.

— Qual é o nome dela? — ele finalmente perguntou ao tio.

— Sherazade al-Khayzuran.

Khalid memorizou o nome. Outra vida perdida. Outra família estilhaçada.

A septuagésima segunda.

Por um momento, seu tio pareceu apreensivo. Hesitou, como se fosse dizer ou fazer algo a

mais. O que não passou despercebido por Khalid.

Ele olhou para o tio, o olhar inquisitivo.

Desta vez, o *shahrbān* suspirou exasperado.

— O capitão da guarda pediu que eu lhe contasse. Apesar de eu ser contra.

— Me contar o quê?

— Essa moça... essa Sherazade al-Khayzuran... — seu tio hesitou uma vez mais.

— Ela... se

voluntariou.

Khalid parou de andar. As espadas ao seu redor, desembainhadas, formando um coro de metal

se chocando. Soldados prontos a lutar a seu comando.

Por que uma jovem mulher se voluntariaria para morrer?

Com a mesma velocidade que a pergunta subiu à garganta, Khalid a empurrou para baixo.

Suprimiu sua curiosidade. Seu interesse. Era impossível para ele imaginar os motivos dela. E ele

não cometeria a desonra de especular. A desonra da presunção.

Apesar de seus pensamentos insistentes.

Ele retomou os passos, a cabeça num emaranhado de nós. As perguntas continuaram indo e

vindo, num movimento incessante. Não importava o quanto tentasse, seus esforços para silenciá-

las eram em vão.

Nenhuma garota em sã consciência se ofereceria para morrer.

Então fazia sentido acreditar que essa garota — essa Sherazade al-Khayzuran — não devia

estar em sã consciência. Pela experiência de Khalid, apenas duas coisas levavam as pessoas a

tomar medidas tão drásticas.

Amor. E ódio.

Qual seria o caso?

Só havia um jeito de descobrir.

Mas essa não era uma opção. Não para seu povo. Não para Khalid.

Em silêncio, ele seguiu pelos corredores, dando voltas pela ágata marcada de

veios azuis,

indo em direção à sala de audiências. Quando fez a última curva, viu uma criada observando com

toda a atenção as portas duplas à sua frente.

Seus olhos azuis eram brilhantes, seus braços estavam cruzados no peito. Um dedo esguio

batucava no bracelete de prata acima do cotovelo esquerdo.

O interesse da criada pela mais nova rainha era evidente. Ela podia se dar a esse luxo, afinal.

Uma jovem que se oferece para morrer é de fato uma moça fora do comum.

Um pensamento passou pela mente de Khalid: aquela criada em particular seria uma boa

candidata para descobrir o que havia levado Sherazade al-Khayzuran a se voluntariar. Talvez

quando fosse servir a nova rainha naquela noite.

Despina seria um recurso excelente. Khalid podia prever — já que a curiosidade da garota de

Tebas era tão grande quanto a sua. Uma curiosidade que ela não precisava esconder dos olhares

alheios.

Diferente dele.

A curiosidade de Khalid era irrelevante diante da tarefa que o aguardava. Era indigna.

Um mostro não merecia conhecer os motivos de sua vítima.

Khalid avançou em direção às portas duplas que se abriam acima do chão de

pedras pretas e

brancas dispostas em diagonal. Seu trono dourado ficava sobre um estrado no centro do vasto

aposento.

Ele não tomou seu lugar no trono, baixo e forrado de seda, pois aquela não era uma cerimônia

de honra. Nem uma ocasião prazerosa. Em vez disso, ficou de pé diante do assento, tentando de

todas as maneiras parecer mais forte do que de fato se sentia.

Khalid olhou para a direita e encontrou seu primo de pé na base do estrado, uma bota apoiada

contra a quina. Os olhos atentos de Jalal al-Khoury observavam Khalid. Um sorriso irônico

surgiu no rosto do capitão da guarda real. Um sorriso destinado a melhorar o mau humor de

Khalid.

Em resposta, Khalid sustentou o olhar do primo até o sorriso dele desaparecer.

Khalid era bom nisso. Bom em sugar toda a luz do mundo, ainda que apenas com um

movimento.

Por um átimo, Khalid se permitiu fechar os olhos.

Onde o sol se põe, ele também nasce.

Setenta e dois dias. Aquela provação logo acabaria. Logo seu povo estaria seguro. Logo ele

receberia de bom grado a volta dos pesadelos à sua vida.

Ele aceitaria com alegria as consequências daquela promessa. Daquela certeza.

As portas duplas diante dele se abriram com um rangido ameaçador.

Khalid abriu os olhos.

Uma jovem estava na porta. Ela atravessou a sala até ele sem hesitação.
Estranhamente, os

guardas de Khalid não a escoltaram até seu destino. Eles a seguiam mantendo
uma distância

respeitosa. Como se não ousassem conduzi-la a lugar nenhum. Quase como se
soubessem que

deviam permanecer atrás dela.

Quem é ela?

Ela era de baixa estatura. Não parecia ser um problema. Pelo menos à distância.

Seu cabelo era longo e escuro. Indomado. O damasco de seu manto cintilava
ouro e prata.

Conforme ela caminhava, o tecido se desdobrava a seu redor como um par de
asas.

Quando ela chegou mais perto, Khalid percebeu que talvez tivesse se
equivocado.

Por que aquela jovem mulher era tudo menos delicada. Seus punhos estavam
cerrados ao lado

do corpo. A cabeça, erguida. Orgulhosa.

Os olhos dela não pestanejaram. Estavam cravados nele como flechas.

Flechas mergulhadas em mel e veneno.

Ao se aproximar, Khalid percebeu exatamente o quanto estava errado.

Ela era de fato de baixa estatura. Mas não era uma garota a ser ignorada. Não mesmo.

Um queixo pontudo. Um sorriso sarcástico mal disfarçado.

Um rosto cheio de emoção.

A jovem parou diante do estrado. Olhou para cima, sem medo, antes de subir na plataforma, a

expressão firme. Impassível.

Sem conseguir controlá-las, Khalid ergueu as sobrancelhas. E retribuiu o intenso olhar dela,

tentando parecer indiferente à sua presença. Indiferente à sua coragem.

Ele não podia se dar ao luxo de se importar.

Khalid estendeu a mão para ela. A jovem a aceitou, lembrando-se de fazer uma reverência

apenas no último instante. Como se Khalid não merecesse tal demonstração de respeito.

Jamais mereceria.

A franqueza de seu olhar a pôs no mesmo nível que ele.

Ela se curvou em excesso na não merecida deferência, a cor se espalhando por seu rosto.

Quando voltou a olhar para cima, Khalid vacilou. O tormento de seus pensamentos lhe

percorreu o peito, enrijecendo-o ante ao reconhecimento...

Ódio .

A jovem o odiava com a mesma violência que ele carregava em seu próprio coração. Odiava

ter que vê-lo. Odiava tudo o que ele era com todas as suas forças.

Seu ódio era glorioso.

Ela não estava com medo.

A curiosidade formigava sob a pele de Khalid. Ele piscou uma vez, afastando-a para longe.

Por que ela não está com medo?

E falhando miseravelmente.

— Esposa — ele disse com a voz baixa. Uma voz em que não confiava. Khalid acenou uma

única vez com a cabeça, legitimando sua união ante os magistrados da cidade.

Selando o destino daquela jovem.

— Meu rei — a garota respondeu com clara convicção. Uma convicção que Khalid não

conseguia entender.

Uma convicção que não conseguia ignorar.

Uma jovem que por vontade própria decidiu receber a coroa da morte. Uma pequena mulher

com uma imensa coragem.

Com um ódio desmedido.

Por que ela o odiava tão profundamente? Não podia ser em decorrência dos rumores sobre

ele. Tinha que ser por algo maior do que apenas a soma de seus atos recentes.

Seu motivo devia ser pessoal.

Mas nenhuma outra garota da família al-Khayzuran havia sido tirada de casa e trazida para o

palácio para aguardar a morte.

Jalal não permitiria tal coisa. Essa havia sido uma das primeiras regras de Khalid — nenhuma

família poderia perder mais que uma de suas jovens.

Duas garotas de uma mesma família não poderiam ser perdidas para a mesma maldição.

Então de onde vinha a animosidade de Sherazade al-Khayzuran?

Por que aquela jovem teria motivos para odiar Khalid com tanta força?

Com a força de um sol nascente.

Antes mesmo de se afastar do estrado, Khalid soube que precisava descobrir o porquê.

Ainda que isso pudesse lhe custar a pouca sanidade que restava a ele.

Descobriria a verdade.

Naquela noite ele burlaria suas próprias regras. Se encontraria com a jovem a sós.

Faria uma única pergunta.

Ele podia se dar a esse luxo.





O espelho

e o

labirinto



A fúria da tempestade

A cidade ardia em chamas a léguas de distância. Khalid as avistou assim que ele e seus homens

fizeram a última curva a caminho de casa..

Ali, no horizonte... brasas colossais subiam em direção ao céu, pulsantes e vivas em seu calor,

mesmo de longe. Suas labaredas enfurecidas e a fumaça se acumulando acima formavam uma

nuvem. Uma sombra enegrecendo um céu já escuro.

A frieza do medo, tal como uma serpente, envolveu o coração de Khalid.

Seguida de fúria, pura e irrestrita.

Não era possível. Salim Ali el-Sharif não ousaria atacar Rey. Não ousaria sitiar a maior

cidade de toda a Khorasan.

Não ousaria transformar seus anos de ameaças em realidade.

O medo apertou ainda mais no peito de Khalid.

Tudo e todos que amava estavam naquela cidade. Seu primo. Seu tio.

Sherazade.

Tudo. Khalid deixara tudo para trás em Rey. E agora tudo queimava.

“E lhe subtrairei essas vidas, milhares de vezes.”

Khalid puxou as rédeas, e Ardeshir empinou em resposta, os olhos do corcel selvagens.

Os soldados em torno de Khalid se aproximaram, seus murmúrios se intensificando, sua

confusão cada vez maior. Seu pânico era palpável.

Pois eles também tinham família em Rey. Eles também haviam deixado para trás tudo o que

prezavam.

O que poderia ter provocado a destruição de toda a cidade em tão pouco tempo? Que tipo de

arma seria essa?

Que tipo de mal?

“E lhe subtrairei essas vidas, milhares de vezes.”

Apesar de uma torrente de perguntas se formar em sua cabeça, Khalid não parou para pensar

em nenhuma delas. Com a fisionomia decidida, ele esporeou o corcel e seguiu pela areia.

Ainda que Ardeshir tivesse aumentado a velocidade, Khalid não conseguia deixar de

pressionar seu cavalo a galopar mais rápido. Não conseguia não ordenar que os homens à sua

volta reagissem. Ao todo, não passavam de cem soldados. Não seria difícil que se reunissem

depressa.

Não com sua cidade em perigo.

Khalid sentiu a urgência instigar ele e seus homens assim que esporeou o corcel negro para

que acelerasse ainda mais, disparando. Os músculos das costas de Ardeshir pareciam planos

quando esticou o pescoço totalmente para a frente. Sua cauda negra chicoteava o ar. E sua

velocidade assumiu um ritmo quase incontrolável. Atrás de Khalid, o som dos cascos trepidando

na areia avançou pelo céu escuro. Khalid não dera nenhuma ordem, mas os homens que o

seguiram instigavam desesperadamente suas montarias a acelerar, arrastando-as pela nuvem de

poeira que subia pelas dunas.

Logo sentiram o cheiro da cidade em chamas. Podiam sentir o gosto das cinzas cobrindo-lhes

as línguas. O cheiro de madeira esturricada e de terra, com vestígios da recente tempestade. O

cheiro de carne queimada.

Ainda assim, Khalid nada disse. Apenas esporeou Ardeshir mais ainda.

Ao se aproximarem do acesso principal aos portões da cidade, Khalid avistou as pessoas

fugindo em massa do fogo às suas costas. Fugindo com tudo o que podiam

carregar. Eles se

empurravam pelos portões da cidade e fluíam para a estrada, como ratos fugindo da água.

Era o caos. Gritos e lamentos por toda parte. Pessoas chamando pelos seus entes queridos

desaparecidos enquanto corriam em ritmo frenético.

— *Sayyidi!* — Um de seus guardas reais aproximou-se, a voz rouca de surpresa.
— As ruas

principais estão lotadas de sobreviventes. Será que...? — Sua voz esmoreceu sem conseguir

completar a pergunta.

Como poderiam atravessar aquela muralha de habitantes em pânico?

Imediatamente, Khalid fez seu corcel parar e passou as rédeas para o lado.

— A estrada ao Leste! — Khalid berrou por cima do ombro esquerdo.

Eles fizeram uma curva fechada pela areia, indo em direção a uma estrada mais antiga — não

tão bem conservada ou pavimentada como as outras. Pedras caídas e entulho calcinado obstruíam

a passagem. Os homens contornavam os escombros como se estivessem percorrendo uma pista

de obstáculos. A frustração de Khalid aumentou por terem que reduzir a velocidade.

Logo conseguiram ultrapassar vários obstáculos e entraram na cidade. Enquanto procuravam

um caminho viável pelos arredores, a visão de tudo o que havia sido destruído os deixou em

silêncio.

Ficaram paralisados por um angustiante momento.

Grande parte de Rey ainda estava em chamas. Agora não era mais um labirinto de ruínas, era

um labirinto de destruição. Um labirinto que refletia exatamente como ele se sentia... perdido.

Sem direção. A fumaça e o cheiro obstruíram a garganta de Khalid. O calor fez com que

abaixasse o capuz de sua *rida* preta. Ele observou o entorno, apesar de muitos dos cavalos de

seus homens terem se afastado com medo das chamas. Metal retorcido derretia a seus pés,

impedindo a passagem.

Destruição. Tudo à sua volta estava destruído.

Era impossível estimar os estragos.

Era impossível saber o que poderia ter causado tamanha destruição.

O que num primeiro instante parecia o resultado de um cerco, agora se assemelhava a tudo

menos isso. Não havia sinal algum de combate para sitiar a cidade. Não havia flechas no chão.

Nenhum projétil de ferro enterrado nas paredes de pedra.

Nenhum sinal de um exército que estivesse se agrupando.

Em vez disso, Khalid viu uma mulher pressionada contra os destroços de uma barraca de

frutas. Melões esmagados espalhados, seu aroma excessivamente doce

penetrando a nociva

fumaça. A mulher estava em silêncio. Imóvel. A seus pés, uma criança chorava. Implorando que

ela acordasse.

Antes que Khalid pudesse desmontar do cavalo, um soldado ao seu lado escorregou para o

chão e pegou o pequeno menino nos braços. Apesar de a bondade aquecer o coração de Khalid,

aquele gesto teve pouco impacto sobre seus temores. E sobre sua fúria.

Eles continuaram, indo em direção ao palácio no centro da cidade, o menino pequeno sentado

adiante de seu salvador.

Os homens pararam do lado de fora dos portões do palácio, que estavam em pedaços, como

se algo os tivesse arrancado das dobradiças e jogado para o alto. O estrago deixou Khalid sem

fôlego. Nenhuma arma de que pudesse se lembrar tinha tal poder de destruição, a não ser um

machado gigante que atravessava as ameias. Ameias de ferro, aço e pedra. Fortes para resistir a

um cerco de dias, ou até de semanas.

Agora estavam reduzidas a nada além de escombros fumegantes. Em apenas uma noite.

Alas do palácio estavam em ruínas. Dois de seus cantos ainda com fogo vivo. Objetos

decorativos estavam espalhados pelo pátio de entrada, queimando. Taças

quebradas e cacos de

porcelana estalavam sob os cascos de Ardeshir.

Ao atravessar o pátio, Khalid deparou com alguns poucos corajosos, que ajudavam os demais

a permanecer em segurança.

Ali, ao lado dos escombros de uma fonte de mármore que ainda jorrava água, Khalid

encontrou Despina cuidando da perna quebrada de uma criada. Ela instruía os que estavam por

perto quanto ao que deveriam fazer e para onde deveriam ir, sem interromper por um momento o

que estava fazendo. Atrás da fonte, o primo de Khalid conduzia um carrinho de jardinagem, que

deixou ao lado de Despina para ajudá-la com a criada.

Khalid olhou à sua volta.

Novamente o medo esmagou seu coração.

Pois Sherazade não estava em lugar algum.

Ele desmontou.

— Jalal. — Seu tom era grave.

O olhar preocupado de seu primo imediatamente se voltou para ele.

— Você voltou cedo. — Jalal se ergueu, esforçando-se para ajeitar sua capa imunda e, em

seguida, tirando-a dos ombros com um grunhido.

Khalid se aproximou.

— O que aconteceu? Que espécie de mal se abateu por aqui? E onde está Sher...

— Graças a Deus você está aqui. — Jalal se ajoelhou nas pedras de granito para auxiliar a

criada.

Sem uma palavra, Khalid se posicionou do outro lado para ajudar a colocá-la no carrinho.

— O que aconteceu, Jalal? — ele perguntou, a voz quase inaudível.

Jalal hesitou. Desviou o olhar por um instante.

— Houve uma... tempestade. Uma tempestade como eu nunca tinha visto. — Suas palavras

eram poucas. Precisas. — Uma tempestade carregando toda a fúria dos deuses nela.

Ao ouvir isso, Khalid fixou o olhar no primo. Ele perguntou, num sussurro rouco:

— Onde está Sherazade?

— Ela... está a salvo.

A segunda hesitação de Jalal não passou despercebida por Khalid.

Com muito cuidado, eles amarraram a jovem criada no carrinho e mandaram-no seguir em

frente. Então Khalid se voltou novamente para o primo. As palavras de Jalal continuaram a girar

em sua cabeça, num tormento sem fim.

Uma tempestade. Como ele nunca vira antes. Uma que trouxera consigo a fúria dos deuses.

Que tipo de indescritível maldade atingira a amada cidade de Khalid?

Apesar de toda a sua desaprovação, de toda a ideia de que aquilo havia sido obra de Salim Ali

el-Sharif, a resposta à sua pergunta foi lhe clareando a mente, não mais o sinistro eco de antes.

“E lhe subtrairei essas vidas, milhares de vezes.”

O medo que sentira antes não era nada diante do que sentia agora. Nada comparado ao terror

da certeza.

Todas aquelas mortes. Toda aquela destruição.

Minha culpa.

Khalid segurou o ombro de Jalal, forçando-o a olhar em seus olhos. Por trás do rosto suado e

coberto de cinzas de seu primo, ele pôde ver os sinais da aurora iluminando o céu ao Leste.

— Onde está Sherazade, Jalal?

Jalal desviou o olhar novamente.

— Já disse. Está segura.

— E isso, é claro, é o que importa. Mas eu quero saber onde exatamente ela está.

Jalal respirou fundo, a expressão cansada. Ele então encarou Khalid:

— Mande-a para longe.

— Para onde? — Khalid intensificou o aperto no ombro de Jalal.

— Você precisa entender...

— Eu perguntei para *onde*! — A voz de Khalid ecoou no céu, que se tingia com as cores da

aurora. Sua raiva fez com que as palavras soassem como um chicote estalando.

— Ela deixou a cidade há muitas horas — Jalal respondeu calmo. — Pouco depois da

tempestade começar.

— E você a mandou para longe sozinha? — Khalid não conseguiria manter seu autocontrole

por muito mais tempo.

— Não. — Dessa vez, Jalal não desviou o olhar. — Ela está com Tariq Imran al-Ziyad.

As emoções até então suprimidas no peito de Khalid eclodiram. Ele puxou o primo pela

qamis com ambos os punhos. Queria gritar de raiva com Jalal. Praguejar e berrar a plenos

pulmões.

Tariq Imran al-Ziyad? Como Khalid acabara de descobrir em suas buscas ao longo da

fronteira entre Khorasan e Parthia, esse era o responsável pela agitação. Responsável por

organizar um levante contra Khalid.

Ele preferia ser amaldiçoado mil vezes a permitir que Sherazade ficasse sob os cuidados

daquele jovem traiçoeiro.

Com os olhos em chamas, Khalid girou sobre os calcanhares. E caminhou até seu cavalo.

Ele já estava segurando as rédeas quando ouviu Jalal às suas costas.

— Khalid...

— Não se meta. Você mandou Sherazade embora com um rapaz a quem eu não confiaria uma

cobra morrendo. Você não tem ideia...

— Ele a ama, Khalid *jan* — Jalal interrompeu com suavidade. — Ele a manterá em

segurança. Ele me prometeu.

— E o que lhe dá o direito de...

— Olhe à sua volta, Khalid Ibn al-Rashid. Olhe à sua volta com olhos de homem, não com o

coração de um menino. — O capitão disse com toda a delicadeza. Sem repreendê-lo, mas como

uma súplica. Jalal se aproximou. — Não é melhor assim?

A fúria de Khalid atingiu o ápice antes de se dissipar. Seus olhos pousaram no palácio

destruído.

A visão de seu povo abatido.

Ele ficou imóvel.

Que direito tinha ele de seguir os desejos de seu coração?

Suas responsabilidades estavam ali. Khalid fechou os olhos. Suas responsabilidades sempre

estiveram ali.

Ele não merecia manter nada que amasse consigo.

Sherazade estava mais segura longe dele. Mesmo que isso significasse ela estar

com o filho

de Nasir al-Ziyad.

As mãos de Khalid largaram as rédeas. Com um aceno de cabeça, Jalal se afastou. Voltou

para onde seria útil.

Através de uma névoa de pensamentos, Khalid ouviu seu primo mandar Despina para longe

da cidade. Ouviu Jalal exigir que todas as mulheres e crianças ainda ali saíssem, até que os focos

de incêndio estivessem sob controle.

A voz da dama de companhia se sobrepôs às ordens de Jalal, forte e clara como o soar de um

sino.

— Você não vai me dizer aonde ir e o que fazer, capitão al-Khoury. Se aprendi alguma coisa

neste caos, foi saber onde é o meu lugar. Melhor do que ninguém.

Suas palavras refletiram a tempestade dos pensamentos de Khalid.

Ele sabia seu lugar agora. Melhor do que ninguém.

Era ali. Na sua cidade. Com o seu povo.

E ele não descansaria enquanto não consertasse tudo.





A mariposa

e a

chama



Um sussurro e um desafio

Uma montanha de sedas bordadas com joias estava diante de Despina. Impávida.

Ela estudou sua adversária, as mãos no quadril. Despina então suspirou, longa e ruidosamente.

Que desleixo.

— Tudo o que for bordado deve ser embalado separadamente — ela instruiu Ruha, a jovem

criada que espiava por cima de seu ombro. — Se algo rasgar, não será o meu pescoço a sofrer o

risco — e em voz baixa completou —, ou a minha bolsa.

Sem hesitar, Ruha obedeceu Despina, alcançando a vestimenta no topo da pilha com mãos

cautelosas. Trabalharam lado a lado em silêncio, separando belas peças de roupa, muitas das

quais ainda nunca usadas.

Depois de algum tempo, Ruha olhou para Despina pelo canto do olho. A moça mais jovem

parecia hesitante, a boca aberta como se tivesse acabado de ser interrompida. Finalmente, ela se

virou para Despina.

— Você já viu a nova rainha?

Despina pensou antes de responder. Informação demais seria imprudente. De menos, pouco

impressionante. Ela não podia se dar ao luxo de nenhuma das opções.

— Apenas de longe. A nova califa trouxe seus próprios criados para o palácio.

— Mas eu achei que *você* seria a dama de companhia dela. — A voz da criada beirava um

queixume.

Despina deu de ombros como quem não se importa.

— Ao que parece, serei a guardiã dos trajes.

— Quando ela conhecê-la, certamente mudará de ideia. Ninguém tem o seu senso de estilo.

Ou seu jeito com cores.

— Ou o meu cuidado ao armazenar os trajes, pelo visto. — Apesar de irritada, Despina sorriu

para Ruha. As jovens retomaram a tarefa.

Retomaram seus inúmeros pensamentos.

Seria mentira dizer que a silenciosa dispensa dos serviços de Despina não a incomodou.

Havia pouco tempo tinha sido promovida ao distinto cargo de dama de companhia da rainha, o

que lhe custara anos de dedicação. Anos para superar um passado turbulento.

Mas a nova califa de Khorasan era, aparentemente, quieta. E quando Despina a viu pela

última vez — apesar de apenas por um breve instante —, a bela jovem parecia... distante. Como

se sua cabeça estivesse nas nuvens. Como se um primeiro indício de tempestade fosse o

suficiente para deixá-la perturbada. Mas Despina podia imaginar que a moça não fosse querer ser

vestida ou servida por uma estranha. Afinal, a nova rainha havia sido criada em Rey e, portanto,

seus criados não estavam longe.

Seu nome era Ava. Isso todos sabiam, mas não muito mais. Na língua nativa, significava

“voz”. Curioso que essa sílfide rainha não utilizasse tal atributo. Quando precisava de algo,

enviava seus criados de confiança. Conversas sussurradas em corredores sombrios. E tudo era

executado com a maior discrição.

Talvez uma rainha levemente taciturna fosse uma boa escolha para o jovem califa. Afinal,

Khalid Ibn al-Rashid sempre fora um rapaz de poucas palavras.

Então, apesar de sua realocação, Despina começou a organizar os muitos trajes acumulados

pelo quarto. Apesar de estar claro que ela não teria contato direto com a nova califa, seu orgulho

a impedia de fazer um trabalho menos que perfeito.

Despina ajustou o bracelete de prata que ficava acima de seu cotovelo esquerdo.
Bufando

ruidosamente, abaixou-se para pegar mais peças de roupas. Antes que conseguisse impedir,

porém, as borlas prenderam em alguma coisa. Os minúsculos espelhos do bordado da saia se

enroscaram no delicado acabamento azul da bainha. O ruído inequívoco de algo rasgando ecoou.

Ruha se virou, os olhos arregalados. Horrorizada.

Apesar das faces coradas, o sorriso de Despina foi preciso e severo.

Ela olhou feio para a saia.

— Com todo o poder dos deuses, te amaldiçoo! — Desdobrando o traje rasgado, ela o ergueu

contra a luz bruxuleante de um círio.

— Pode ser cerzido?

— A bainha ainda está intacta. Mas não tenho certeza se é possível salvá-la. — Seus olhos

percorreram o ambiente sem janelas. O quarto havia sido construído para manter distante

qualquer feixe de luz. Cores desbotadas eram tão problemáticas quanto traças e mariposas

indesejadas. Sabendo que a luz fraca do círio perfumado não era suficiente, Despina saiu pela

porta e desceu o corredor de mármore até onde os raios do sol da tarde entravam com toda a

força.

Ela desdobrou o tecido novamente. A seda prateada cintilou como se tivesse sido feita de pó

de estrelas. Uma brisa passou enquanto ela cuidadosamente esticava e avaliava a possível

emenda. Os diminutos espelhos ao longo da bainha tilintavam como pequenas moedas.

— Essa é a visão mais bela que tive hoje.

Atrás dela. Uma voz masculina com a ressonância cálida do riso. Da alegria sem rédeas.

Ou do privilégio não merecido.

Despina olhou para trás. E evitou esboçar qualquer reação.

A voz pertencia ao capitão da guarda real. O filho do general Aref al-Khoury, o *shahrbān* de

Rey.

Privilégio de nascença, de fato.

Bem, Despina imaginou que eventualmente en-contraria esse importante jovem em pessoa.

Especialmente agora que ela havia sido promovida ao serviço direto da rainha.

Ela se virou para ele, costas retas e olhar firme.

Como sempre suspeitara, mesmo à distância, ele era realmente bonito.

Até demais.

Ombros largos, cintura fina. Sua capa bordada com o brasão real. Ondulantes cabelos escuros,

do tipo que imploram pelo toque.

Um sorriso irônico que suplica por um tapa.

Despina já ouvira falar dele. O palácio fervilhava com fofocas maliciosas. O capitão da

guarda real tinha uma reputação e tanto. Um notório conquistador, que já havia partido muitos

corações. Dizia-se que ele era capaz de tirar a roupa de uma moça apenas com palavras sedutoras

e promessas rasas.

Ao lembrar dessas histórias, Despina segurou o riso.

Ridiculamente impossível. Despir alguém envolvia muito mais que palavras.

No mínimo, *alguém* devia desamarrar algo. Um nó. Um cordão.

Uma sugestão.

O capitão da guarda se aproximou, uma mão sobre o punho cravejado de sua cimitarra. Sua

expressão beirando a obscenidade. Confiante demais. Seguro demais.

Arrogante demais.

— Você deve estar com fome — disse Despina.

Ele interrompe a passada.

— Perdão?

— Você disse que eu sou a coisa mais linda que viu hoje. — Despina jogou o quadril para o

lado, com o sorriso mais cativante no rosto. — Portanto, deve estar com fome.

— Interessante. — Ele espelhou o movimento dela, quase que instintivamente.
— Vou entrar

nesse jogo. Por que acha que estou faminto?

— Para mim, a visão mais linda de todas é a comida.

Uma faísca brilhou nos olhos dele.

— Acredito que isso dependa do tipo de comida, não? — Ele se aproximou
ainda mais,

estudando as feições dela sob os últimos raios de sol. — Por exemplo, quando
olho para você,

penso que talvez o gotejar do mel — seu olhar se demorou nos lábios dela —
sobre frutas

silvestres possa ser uma boa comparação.

Foi demais. Muito... tudo. Apesar de ela saber que poderia prosseguir com esse
jogo sem

pestanejar, Despina caiu na gargalhada, apertando a cintura enquanto o som
reverberava pelas

vigas do teto. Era sem dúvida uma grande tolice rir de um rapaz tão importante.
Mas *ela* não fora

atrás *dele*.

E, de qualquer modo, a graça vence a tolice, todas as vezes.

O capitão da guarda arregalou os olhos. Seu queixo caiu. Mas ele logo se
recuperou. Num

piscar de olhos, seus lábios sorridentes exalavam perfume de novo.

— Não posso dizer que estou acostumado a esse tipo de reação.

Sua voz atravessou o ar. Um leve arrepio perpassou a pele dela.

Era uma voz imperdoavelmente bela.

Despina retribuiu com um largo sorriso.

— Talvez precise de um adversário melhor.

— Você se considera melhor?

— Que você?

Ele confirmou com a cabeça novamente, abrindo ainda mais o sorriso.

— Em todos os sentidos — Despina respondeu de imediato.

Agora foi a vez dele de rir. O som a envolveu, se enraizando em seu coração, aquecendo sua

pele.

Ele é perigoso. Saia de perto.

Despina retornou à sua tarefa, ajeitando a batinha rasgada da melhor forma que pôde.

Atrás dela, os passos dele se aproximaram, secos contra a pedra polida.

Um sussurro em seu ouvido:

— Não estou convencido, moça bonita.

— Então, por favor, se afaste, rapaz ridículo — ela retruca, com o nariz empinado.

Outra gargalhada.

— Não fujo de desafios.



Um manto de jasmim

Tudo havia sido um terrível engano.

A califa de Khorasan não deveria estar em seus aposentos. Não deveria estar em nenhum

lugar no interior do palácio naquela linda tarde primaveril. Então, quando Despina atravessou o

cômodo e avistou a jovem rainha sentada na sombra de sua varanda, ela parou.

Santa Hera.

A califa deveria estar passeando com o califa pelos jardins reais. Seus aposentos deveriam

estar vazios naquele momento. Vazios e prontos para que Despina deixasse ali as mais novas

seleções de cosméticos, da mesma maneira quieta e discreta com que vinha fazendo nas três

últimas semanas. Ela até bateu na porta duas vezes, para ter certeza de que ninguém estaria lá

para interrogá-la. Ninguém para vê-la.

Ninguém para notar o quanto ela era desnecessária.

Afinal, como Despina já havia percebido, a nova califa não precisaria de uma dama de

companhia. Não com todos os seus antigos criados vindo morar recentemente no palácio.

Bem, não havia nada a ser feito. Apesar de seus esforços para se manter longe das vistas da

califa, o inevitável havia acontecido. A califa perguntaria quem ela era. Despina seria dispensada

de imediato. Levaria uma bronca. Ou pior ainda, seria demitida.

Mas Despina não era de aceitar facilmente uma dispensa de qualquer tipo. Ela nunca fora do

tipo que sofria em silêncio.

O pior é que todos esses cenários possíveis tinham o problemático efeito de devastar seu

orgulho. Após uma infância sendo ignorada, seu orgulho era sua única constante.

Inferno e maldição.

Despina se preparou, tentando se camuflar em uma sombra.

Uma tentativa inútil.

Quando começou a se virar, o contato de sua sapatilha com o mármore do chão produziu um

suave ruído. Ainda assim, o atrito do couro contra o chão foi suficiente para cortar o silêncio. A

califa se virou e a viu. Pega fugindo, Despina segurou com mais força a pequena bandeja de

prata que trazia nas mãos, voltando-se para encontrar o olhar da califa. O conteúdo da bandeja

deslizou, empurrando um pequeno vidro para a borda. O frasco quase caiu, e várias gotas de

âmbar escorreram. A doce fragrância do jasmim se espalhou pelo ar.

Com o tilintar do vidro, a rainha ficou de pé. Ela não parecia brava. Apenas... cautelosa.

Vestida num elegante linho creme, sua figura esguia parecia envolta por uma brisa preguiçosa.

Suas saias balançavam como se ela fosse a mais delicada das flores, pronta para murchar em um

instante.

Antes que Despina pudesse formular uma frase de desculpas ou alguma explicação, a rainha

olhou para ela e falou:

— Sim? — A pergunta não foi rude ou inquisitiva. Nem ao menos curiosa. No máximo,

reflexiva, um cumprimento de boas maneiras.

Despina fez uma reverência, segurando a bandeja de prata com firmeza.

— Não tinha a intenção de perturbá-la, minha senhora.

— Você não me perturbou. — A jovem rainha balançou a cabeça em negativa, devagar,

aparentemente com grande esforço. Sua longa trança caía atrás do ombro, o castanho vivo

captando raios de sol.

Apesar de seus instintos lhe dizerem que deveria sair logo dali, Despina arriscou dar um

sorriso simpático.

— Gostaria de alguma coisa, minha senhora?

Outro vagaroso balançar da cabeça enfeitada por joias. A califa mudou de posição, e Despina

pôde ver um grande pergaminho aberto sobre a mesa laqueada no centro da varanda.

O pergaminho continha um trabalho de intrincada caligrafia, interrompido no meio de uma

pincelada. Um pincel de ébano descansava perto do tinteiro.

Sem pensar, Despina deu um passo à frente, fascinada por aquele trabalho de arte tão

cuidadosamente executado. Os olhos da jovem rainha se arregalaram. Ela deu um passo para

trás, como se quisesse esconder o trabalho de olhares intrometidos.

— Perdoe-me, minha senhora. — Despina sorriu, primeiro hesitante e depois verdadeiramente cordial. — Como amante de tudo o que é belo, não pude resistir.

O elogio não era falso. Nem um pouco. O trabalho de caligrafia da jovem rainha era

magnífico. As palavras eram formadas por arcos distintos; o texto, embelezado por pinceladas de

ouro líquido. Cores suaves nas bordas pareciam se mesclar antes de mergulhar e fluir pela obra.

Uma minúscula paleta de cores vivas estava à espera, claramente aguardando para aprimorar

ainda mais aquela obra.

A jovem rainha colocou sua trança de cabelos escuros para a frente, alisando as pontas. Seus

olhos castanhos se comprimiam enquanto ela avançava, cautelosa.

— Você achou... belo? — a califa finalmente perguntou.

Despina confirmou.

— É lindo, discreto e elegante.

A jovem rainha alisou as pontas da trança mais uma vez.

— Se quiser — Despina continuou —, posso procurar um lugar para pendurá-lo

no palácio,

ou descobrir onde um trabalho tão bonito poderia ser exposto na melhor luz.

A califa inclinou a cabeça para o lado como se estivesse tecendo alguma consideração a

respeito.

— Eu pensei... pensei em dá-lo ao califa. — Ela hesitou, mordendo o lábio inferior. Uma

jovem rainha de pequenos gestos, mas cheios de significado. — Mas ele tem tantas peças lindas

de caligrafia pelo palácio. E esta aqui não é nem...

— Não tenho dúvidas de que ele vai amar. — Assim que Despina falou, percebeu que havia

interrompido a rainha. Percebeu e ficou esperando ser repreendida...

... mas não foi.

O que poderia ter levado Despina a falar assim, ainda mais em nome do califa? Ela não

conhecia Khalid Ibn al-Rashid para saber sobre seus gostos ou desejos.

Ainda assim, de alguma maneira, Despina sabia que o califa apreciaria aquele presente em

particular. Muito mais do que quaisquer tributos de ouro, joias ou armas.

A jovem rainha nada disse durante algum tempo, os lábios contraídos enquanto pensava.

— Seria... bom saber que ele gostou de algo meu.

A tristeza de suas palavras penetrou no peito de Despina, o indício de algo mais sombrio por

trás delas. A sensação a fez lembrar de sua mãe. Aqueles dias de longos silêncios contemplativos

no passado. Nas lembranças sempre presentes.

— Posso... — Despina deu outro passo à frente — dar outra sugestão, minha senhora?

A califa sorriu, o gesto tão simples e sem pressa quanto todos os demais.

— Você não me parece alguém que pede permissão para fazer algo.

Ao ouvir isso, Despina não resistiu ao riso. O som espantou a jovem rainha. Seus olhos

ficaram redondos como os de uma corça — como se ela fosse uma criatura da floresta ao

entardecer.

Despina continuou, a lembrança da tristeza de sua mãe impulsionando-a a agir.

— Posso sugerir que mencione sua caligrafia ao califa em seu passeio desta tarde, minha

senhora?

Os ombros da jovem rainha caíram. Seu suspiro foi tão suave que Despina teve dificuldade

em ouvi-lo. Um pequeno suspiro com um grande significado. Um significado que a jovem rainha

ainda não estava pronta para expressar em palavras.

Mesmo assim, Despina não desistiu.

— Fui levada a crer que a senhora estaria com o califa nos jardins reais hoje. Foi por essa

razão que entrei em seus aposentos despreocupadamente. Seu passeio foi

adiado? Não está se

sentindo bem, minha senhora?

A jovem rainha inclinou a cabeça para o outro lado. Despina não conseguia entendê-la, já que

ela obviamente preferia se expressar com gestos do que com palavras.

Então Despina lhe deu outro sorriso gentil, encorajando-a com um aceno de cabeça.

— Não estou doente — a rainha respondeu devagar. — Suponho que “adiado” seja um termo

adequado. — Ela desviou o olhar, a boca se curvando em um sorriso irônico. — Adiado... como

tantas coisas na vida o são.

— Para hoje, mais tarde, então? — Despina insistiu.

Os olhos da califa brilharam, a faísca de uma emoção desconhecida queimando nas

profundezas de seu olhar.

— Para mais tarde, no futuro, se acontecer.

Dessa vez, Despina escolheu sabiamente ficar calada.

— Não precisa se preocupar comigo — a califa continuou. — Meus encontros com o rei são

frequentemente adiados. Ele tem muitas responsabilidades que demandam sua atenção e eu não

sou...

Ela parou, como se tivesse falado demais.

Não tinha importância. A jovem rainha não precisava dizer mais nada.

Despina sentiu um nó na garganta, de pena.

— Uma rainha não deveria jamais ser um peso para seu rei — ela disse numa voz doce. —

E... como sou do tipo que não pede permissão antes de agir, me atrevo a dizer que a senhora

parece tudo menos uma fonte de preocupações, minha senhora.



— Bondade sua dizer isso. Ainda que eu pense de forma diferente.

Outro momento de silêncio contemplativo se passou entre elas.

— Diga ao rei que está preparando um presente para ele, minha senhora. Que gostaria de

partilhá-lo em breve.

— É tão simples assim? — A dúvida marcava a testa da califa.

— É um começo. — A voz de Despina era animada. — E partilhar um presente tão lindo com

alguém que se ama não é um motivo para se preocupar, minha senhora. E sim uma razão para

comemorar.

— Talvez você esteja certa. — Encorajada, a jovem rainha se endireitou e encontrou o olhar

de Despina. — Talvez eu fale com ele sobre isso.

Despina colocou o perfume na mesa baixa encostada na parede mais distante e fez uma

reverência para sair, um sorriso triunfante nos lábios.

Talvez a jovem rainha perguntasse por seu nome no dia seguinte. Então talvez perguntasse

também à Despina que cor melhor combina com sua compleição. Ou que essência chamaria a

atenção do califa.

O dia seguinte?

As possibilidades eram inúmeras.

Jalal al-Khoury estava entediado.

Tal tédio não combinava com o lindo dia que tinha diante de si. Não celebrava o céu azul sem

nuvens nem a brisa com aroma cítrico que passava pelas janelas do palácio.

Ele pensou em procurar Sahar. Ou talvez Nasreen. Ambas eram o tipo de garota que sabe

aproveitar um dia lindo como aquele. O tipo que deixa o trabalho de lado e se perde nos muitos

cantos sombreados dos jardins.

O tipo que topa o passatempo favorito de Jalal.

Mulheres sempre foram o seu fraco, para o desgosto de seu pai. Aref al-Khoury — o

shahrban de Rey — foi fiel a uma única mulher durante toda a sua vida. Buscou conforto nos

braços de uma, e apenas uma, mulher. Enquanto seu filho buscava conforto nos braços de

muitas. Mulheres de todo tipo. Baixas, magras, altas, gordas — isso não

importava para ele.

Porque Jalal al-Khoury gostava de *mulheres* e nunca se deu ao trabalho de esconder esse fato.

Ele já havia sido chamado de muitas coisas por conta disso. Canalha. Depravado. Cafajeste. Mas

ninguém nunca o chamara de entediante. E Jalal se recusava a deixar que isso acontecesse justo

em um dia tão bonito.

Afinal, havia muitas jovens atraentes no palácio.

Jalal então percorreu o labirinto de corredores de mármore em busca de qualquer garota com

um sorriso no rosto e tempo para um flerte.

Ao virar no corredor dos aposentos da rainha, porém, ele não encontrou uma garota

sorridente.

Em vez disso, topou com uma jovem com um olhar decididamente pensativo. Uma garota

com uma bandeja de prata vazia pendurada em uma mão. Quando um raio de sol da tarde refletiu

na superfície prateada, o reflexo o atraiu para perto dela, como uma mariposa a uma chama.

Jalal reconheceu-a de imediato.

Era a mesma garota de três semanas atrás. A que tinha a língua afiada e a expressão astuciosa.

Uma expressão rica em emoção. Rica em inteligência.

Rica em segredos.

Como da primeira vez, Jalal se surpreendeu com a altivez dela. Não era o porte de uma

criada. Não. Não havia nada humilde ou solícito em sua postura. A jovem se portava com calma

presunção. Lembrava muito ele próprio.

Ele diminuiu o passo e deixou seus olhos percorrerem-na por completo. Pele cor de areia fria.

Olhos azuis como o mar Egeu. Longos e cheios cabelos cor de noz, arrumados em uma teia de

cachos.

Tão linda quanto ele lembrava.

Com sua aproximação, a garota despertou de seu devaneio.

Assim como antes, ela não se perturbou com sua chegada. Nenhum sinal de reconhecimento

passou por seu rosto. Nenhum sinal de rubor em sua face. Ela não desviou os olhos e nem

mordeu os lábios.

Simplesmente retribuiu seu olhar. Com tal firmeza que Jalal, por sua vez, ficou confuso, uma

mão procurando o cabo da cimitarra.

— Está perdido, capitão al-Khoury? — a jovem perguntou sem rodeios.

Normalmente uma pergunta dessas seria nada mais do que uma abertura para que Jalal

avançasse. Uma abertura exigindo uma resposta floreada. Ou, no mínimo, uma

com duplo

sentido. Algo sobre seus olhos — que eram de fato deslumbrantes — ou talvez sobre a coroa de

cachos luminosos em sua cabeça.

Algo sugestivo.

Algo sobre como ele gostaria de despentear aqueles cachos e vê-los se desmanchar entre seus

dedos.

Mas a memória de Jalal lembrava mais do que apenas sua estonteante beleza. Lembrava

também de sua mente mordaz, que remexia velhas feridas enquanto abria novas. Qualquer uma

de suas cantadas bem-sucedidas seria perda de tempo com aquela garota. Ela provavelmente

ironizaria seus esforços.

Por isso, Jalal optou por pigarrear, apoiando-se nos calcanhares.

— Por que acha que estou perdido? — ele começou, em um tom casual.

— Porque não está andando como se tivesse um propósito.

Jalal deu de ombros, dissimulado.

— Às vezes é bom dar uma volta sem um destino em mente. Nunca pensou nisso? Se perder

por um momento e ver aonde o dia leva você?

— Não posso dizer que sim. Nunca tive esse luxo — ela respondeu secamente, ainda que um

traço de humor lhe iluminasse os olhos. — Além disso, tem certeza de que não é cedo demais

para pensamentos desse tipo?

Ele quase riu de sua ousadia.

— É cedo demais para refletir?

— Não sei. É cedo demais para beber vinho?

— O sol ainda não começou a se pôr. — Jalal olhou pela janela aberta. — O decoro diria que

sim.

Ela revirou os olhos.

— Se é cedo demais para vinho, também é cedo demais para refletir.

Jalal riu alto. Sem pensar.

Fazia muito tempo que não ria espontaneamente. Sem ninguém para impressionar ou inspirar.

— Não foi *tão* engraçado, capitão al-Khoury — a garota o censurou.

Ele respondeu, ainda rindo.

— Não faça isso.

— Não faça o quê? — Ela inclinou o corpo na direção dele, revirando alegremente a bandeja

de prata na mão esquerda.

— Pedir que a elogiem.

Pela primeira vez ele viu uma sombra de irritação nas feições dela, os lábios se contraindo

levemente.

— Não estou fazendo nada do gênero.

— Ah, é? — Ele chegou mais perto. — Você não queria que eu dissesse que foi, *sim*,

engraçado, e que você deve ser a mulher mais divertida que já conheci?

Ela olhou para ele com uma sobrancelha arqueada.

— Na verdade não estou esperando que diga nada do tipo. Apesar de eu *ser* a mulher mais

divertida que você conhecerá.

Outra gargalhada espontânea.

— Como pode ver, não preciso pedir que me elogiem.

— Não seja ridícula — Jalal respondeu. — Todas as mulheres querem ser elogiadas.

— E todos os homens acham que sabem tudo.

— Nunca acreditei nisso — Jalal disse, seus pés levando-o mais à frente. Ainda como uma

mariposa atraída por uma chama. — Mas eu de fato sei tudo sobre mulheres... do que gostam, do

que desgostam... — ele fez um floreio no ar — o que elas querem dizer, ainda que se recusem a

falar.

A garota riu com escárnio.

— Mais idiotice. Com o estalar dos dedos, posso fazer uma pergunta sobre mulheres cuja

resposta você desconhece.

— Isso é uma aposta? — Quando Jalal se curvou sobre ela, uma peculiar fragrância floral

chamou sua atenção. Ela envolvia a garota, um aroma suavemente doce, dissipando-se como

ondas pelo ar.

— Talvez. — Ela empinou o nariz, desafiando-o.

— E os termos?

A garota colocou a bandeja vazia entre eles, como um escudo.

— Se eu ganhar, você terá que me dar uma flor da minha escolha.

— E se eu ganhar? — Jalal baixou a voz, tornando-a deliberadamente sugestiva.

— Você me

dará o que eu quiser?

— Ah, não seja ridículo. — A risada dela deveria soar sarcástica, mas Jalal percebeu uma

ponta de inquietação. — Não sou tola o suficiente para fazer uma aposta tão arriscada com um

notório depravado.

Ele ficou de frente para ela, os pés encostados nos dela.

— Mas você poderia ser tola — ele murmurou. — Só dessa vez.

A respiração dela ficou entrecortada, seus olhos cintilando como o mar após uma tempestade.

— Só nos seus sonhos mais loucos isso aconteceria. — A bandeja subiu ainda mais,

pressionando a prata contra seu peito. — Se você ganhar, contarei alguma coisa que queira saber

sobre mim.

A tentadora visão da garota diante dele o distraiu. Pegou-o de surpresa. Deixou-o sem ação.

— Pergunte, minha bela algoz. Pergunte e descubra que está errada.

— Você diz saber tudo sobre mulheres — ela começou —, mas me diga, capitão al-Khoury,

você sabe o meu nome?

Jalal ficou desorientado. O perfume dela havia inebriado seus sentidos. Enevoado seu

raciocínio.

Ele não esperava uma pergunta desse tipo.

Uma fácil. Simples.

Uma que Jalal não poderia responder com rodeios.

Esse era o tipo de situação que só acontece uma vez na vida de canalhas como Jalal. Ele teve

que usar todo seu autocontrole para não franzir a testa, resmungar ou chutar algo como um

garoto que perde uma aposta na escola. Enfurecido por ter sido vencido tão facilmente pela

inteligência da esperta criada, Jalal deu um passo para trás.

Ele vasculhou a mente em busca de uma resposta. Qualquer resposta que o fizesse parecer

menos tolo.

Levou muito mais tempo do que gostaria. Mas logo Jalal concebeu uma saída para a situação.

A seu favor. Ele sorriu.

— Encontre-me, ao pôr do sol, no primeiro patamar dos jardins reais para receber seu prêmio.

Com isso, Jalal girou sobre os calcanhares e se afastou.



Um passeio ao pôr do sol

Aquilo não acabaria bem.

Disso, Despina tinha certeza.

Mas suas ressalvas não tinham importância. Ela não se permitiria mostrar ao jovem capitão da

guarda o efeito que ele tinha sobre ela. O efeito que ele tinha certeza que tinha sobre ela. Então,

em vez disso, Despina aguardou na murada do primeiro patamar dos jardins reais, a cabeça

erguida enquanto observava o sol descer no horizonte. O céu estava pintado de tons de rosa e

laranja. Pinceladas de fogo, luz e celebração.

Que tipo de celebração, Despina não fazia a menor ideia.

Abaixo dela, os patamares dos jardins floriam em cor e vida, seus terraços se sobrepondo

como grandes pedras de uma escadaria. Cada patamar trazia consigo uma experiência nova. O

primeiro — no qual ela esperava — incluía um aviário repleto de pássaros de

todo tipo. As

pequenas criaturas voavam atrás dela, zombando em alvoroço. A cotovia, em particular, parecia

ter muito a dizer sobre a atual situação dela.

Um sermão e tanto.

De fato, Despina não devia ter feito uma aposta com um canalha. Um canalha que poderia

nem honrar o combinado.

No entanto, mais cedo naquele momento único, inesquecível, mais cedo, ela achou que tinha

ganhado o dia. No momento em que o capitão da guarda real ficou perplexo, ela teve certeza de

que ele aceitaria ter perdido.

Perdido para uma criada. Então ele se retiraria e a deixaria em paz. Deixaria o coração dela se

acalmar.

Deixaria ela refletir sobre as lições que sua mãe lhe ensinara havia tanto tempo.

Despina se surpreendera ao descobrir que a reputação do capitão não era mal fundamentada.

Ele, com seu charme, a pegara desprevenida. Desprevenida e quase apaixonada.

Mas Jalal al-Khoury não iria se aproveitar dela. Ela triunfaria sobre ele.

Naquele precioso momento, ela achou que tinha triunfado.

Então ele suavizou a expressão. Confiante demais.

E Despina percebeu que ela perdera.

Qualquer coisa que fizesse um canalha com aquela reputação parecer confiante não era de se

menosprezar. Agora cabia a ela acabar com aquele sorriso irônico no rosto dele. Acabar ou

modificar...

Para um de humildade subjugada.

— Você está aqui — ele falou atrás dela, a voz soando divertida.

Despina se virou, uma expressão de desdém para disfarçar a surpresa de sua chegada.

— Você está atrasado.

— Tive um trabalho infernal para escapar do califa. — O capitão da guarda gemeu e se

postou ao seu lado, apoiando-se no balaústre de mármore que cercava o terraço.

— Ele está

gastando um tempo absurdo com os engenheiros reais, tentando recriar um sistema de termas que

viu em sua última viagem a Damasco.

— E ele precisava da sua presença nessa discussão? — Despina sentiu o corpo se inclinar na

direção dele, então se segurou com força na grade.

— Ele deseja que eu me preocupe com coisas desse tipo.

— E que coisas seriam essas?

Quando ele virou a cabeça para olhar para ela, a luz do sol tocou seu belo rosto, deixando-o

cor de bronze.

— Coisas maçantes, do tipo intelectual. — Ele deu uma piscadela.

Despina lutou contra a vontade de desviar o olhar.

— Imagino que isso seja demais para se pedir.

— Não. Eu gostaria que ele se preocupasse também. Só que não com as mesmas coisas.

— Ah, é? E que tipo de coisas importa para você, capitão al-Khoury?

Uma pausa séria preencheu o espaço entre eles.

— O califa e eu somos muito diferentes. — Com a mão direita, ele fez um gesto para que ela

caminhasse em direção aos jardins. Despina não deixou de reparar que, com o mesmo gesto, ele

também deixou claro que não gostaria de continuar aquela conversa.

Eles andaram em direção à escadaria no mesmo compasso, seus movimentos graciosos e

fluidos. Naturais. A luz no horizonte continuou a desvanecer, enquanto a noite escura tingia o

céu atrás de seus ombros. Eles desceram as escadas de granito.

— Quando você chegou, se surpreendeu por me encontrar aqui? — Despina puxou conversa.

— É claro. Eu meio que esperava que você desaparecesse. — A bainha de sua capa branca

ondulava no ritmo dos seus passos, o brasão real em seu ombro brilhando.

— Admito que pensei nisso. Mas também me recuso a fugir de desafios — Despina repetiu as

palavras que ele havia dito quando se conheceram, um brilho brincalhão no

olhar.

Ele olhou para ela, sorrindo.

— Como você pode encarar isso como um desafio? Você ganhou de mim.

— Apesar de todas as evidências ao contrário.

— Como pode...

— Se *eu* tivesse realmente ganhado, teria sido eu a definir quando e onde gostaria de receber

meu prêmio.

O capitão da guarda riu suavemente. Conciliador.

— Mas estou curioso: qual será a flor de sua escolha?

Foi a maneira como ele formulou a frase. O desafio sutil por trás da pergunta.

Que tipo de garota é você?

A maioria das garotas pediria uma rosa. Ou talvez alguma outra flor de cor forte e chamativa.

Uma cor para combinar com um perfume inebriante. Ou talvez pedisse um pendão de flor de

laranjeira. As flores perfumariam um quarto por dias, até muito depois de as pétalas caírem ao

chão.

Sim, a maioria das garotas pediria flores assim.

Despina não era a maioria das garotas.

Ela imediatamente soube o que fazer.

Decidida, Despina acelerou o passo. O aroma das laranjeiras passou por ela

quando abriu

caminho para o segundo patamar, seguindo para o terceiro. O capitão da guarda parou perto de

um labirinto de roseiras, sua intenção clara — mas Despina passou por elas sem olhar duas

vezes.

Era final da primavera. A época perfeita. A flor que ela queria estaria desabrochando, o

aroma forte e estonteante.

De fato — no meio do terceiro patamar —, Despina avistou as árvores que buscava. Foi até a

mais alta, que tinha mais que o dobro da altura de um homem.

Com os olhos estreitados, ela analisou os ramos mais altos.

Então se virou para o capitão da guarda real.

— Você vê aquele ramo de jasmim lá em cima? Aquele se inclinando em direção à luz, com

botões?

Ele parou ao lado dela, olhando para a árvore.

— O roxo?

— Sim.

Ele pareceu intrigado.

— Por que não um dos ramos mais baixos que já desabrocharam?

— Os botões de jasmim são muito mais cheirosos do que as flores.

— Eu prefiro as flores brancas aos botões roxos. — Ele assumiu uma postura teimosa, os pés

afastados e os braços cruzados. — Além disso, há muitos botões ao alcance das mãos.

— Os botões com maior exposição ao sol são os melhores — Despina insistiu. Ela se virou

para olhá-lo nos olhos. — Está mesmo desistindo, capitão al-Khoury?

Ele negou com a cabeça, linhas de irritação formando-se no arco do nariz.

— Desistindo, não. Meramente pensando em uma estratégia.

— A mim, mais parece que você está adiando o inevitável. Pegue o meu prêmio, por favor.

— Despina falava como se estivesse na posição de poder e ele fosse o criado.

O capitão da guarda real pareceu gostar disso.

— Serva atrevida. — Ele sorriu, ainda que as rugas entre seus olhos tivessem permanecido

intactas.

Jalal sacou sua cimitarra e tirou a capa. Despina assistia a tudo, o sorriso crescendo com uma

alegria incontrolável. Ela achou tê-lo ouvido resmungar epítetos para si mesmo.

Jalal colocou as mãos na cintura e estudou sua adversária frondosa.

— Se eu tivesse um arco e uma flecha, essa tarefa seria muito mais fácil.

— Nem você deve ser um arqueiro tão bom assim — Despina ironizou.

O capitão da guarda olhou de relance para ela.

— Ouviu dizer que sou um arqueiro habilidoso?

— De sua própria boca, sem dúvida.

Ele riu e começou a subir no ramo mais baixo. Então se balançou graciosamente de um galho

para o outro, os pés e as mãos se movendo em perfeita sincronia.

Despina tinha que admirar a visão. Apesar de a princípio ter sido reticente em fazer a

escalada, era visível que ele era mais do que capaz de dar conta de tal desafio.

Mais do que capaz de triunfar naquela tarefa também.

Novamente, Despina fora vencida.

Vencida por um canalha irritante.

Ela começou a bater o pé contra o chão em sinal de irritação, esperando ele reaparecer com

seu prêmio e outro desafio no olhar.

Um estalo ressoou nos galhos mais altos, seguido por um grito de surpresa.

E o filho do segundo homem mais poderoso de Rey foi cuspidor de dentro da ramagem

espessa para o chão, aterrissando com um terrível baque.

O coração de Despina quase saiu pela boca.

Os braços e as pernas dele estavam abertos.

Ele estava imóvel.

Sem pensar, Despina correu até o corpo inerte. No instante em que caiu de joelhos ao seu

lado, ela estava certa de que aquele era o seu fim.

Mesmo assim, estranhamente essa não era sua maior preocupação. Ela não queria que aquele

fosse o fim *dele*. De jeito nenhum.

— Capitão al-Khoury! — ela gritou.

Os olhos dele permaneceram fechados, os membros paralisados.

Ela procurou por algum sinal de ossos fraturados, as mãos apalpando o corpo esculpido em

músculos.

— Capitão al-Khoury! — Despina tornou a gritar. Ela o segurou pelos ombros, os dedos lhe

afagando o rosto.

Os olhos dele se abriram repentinamente. Sem dúvida. E logo fecharam de novo.

— Capitão al-Khoury! Você está...

— Mais baixo — ele sussurrou.

Uma raiva súbita irrompeu dentro dela, corando seu rosto.

— Como?

— Você está gritando em meus ouvidos. — Ele segurou o riso. — Devagar, minha querida.

Despina quase o empurrou.

— Melhor gritar do que arrancá-los a dentadas.

— Ah, é? — Ele abriu um dos olhos, dissimulado. — Então você é boa com a sua boc...

— Pelo amor de todos os deuses, capitão al-Khoury! — Dessa vez ela realmente o empurrou.

Ela deu uma risada baixa e rouca.

— Meu nome é Jalal.

— Seu arrogante estúpido. — Despina sentou sobre os calcanhares, a pulsação acelerada. —

Eu quase morri de medo.

— Medo de quê?

— Medo de não conseguir receber meu prêmio — ela retrucou, mordaz. No minuto em que as

palavras saíram de sua boca, ela desejou não tê-las dito.

Ele sorriu para ela.

— E aqui estava eu, com uma leve esperança de que você estivesse com medo de eu ter me

machucado.

— Não você. — Os lábios dela se contraíram. — Apenas as flores. Não sou completamente

sem coração.

— Não — ele concordou. — Só em parte.

Despina pigarreou. Pouco depois, o tom desafiador em sua voz esmoreceu.

— Foi... foi tolice minha pedir que subisse na árvore para pegar aquela flor — ela disse

suavemente.

Ele olhou para o céu, que escurecia.

— Tolicie maior foi a minha, por ter concordado. Tenho medo de altura desde que era

pequeno.

— Não pareceu. Achei que você estivesse apenas evitando ter que se dar a esse trabalho.

— Trabalho o tempo todo — ele insistiu, apesar de Despina revirar os olhos, incrédula. — E

eu preferiria cair e morrer a admitir alguma fraqueza minha para você.

— O capitão da guarda real quer impressionar uma criada sem importância?

— Um jovem estabanado quer impressionar uma linda jovem. — Ele encontrou o olhar dela,

seus olhos escuros brilhantes. — A pergunta é: funcionou?

Despina segurou um sorriso.

— Você não pegou a minha flor.

Em resposta, ele levantou o punho esquerdo e abriu a mão. Nela havia um jasmim dos galhos

mais altos todo amassado. Seu delicioso aroma se espalhou no ar à volta deles, limpo e

instantaneamente reconhecível.

— Você o destruiu, capitão al-Khoury — Despina disse sem emoção.

— Jalal.

Uma pausa.

— Jalal.

— Você quer que eu pegue outro para você?

— De jeito nenhum. — Despina sorriu. — A flor amassada serve.

O olhar do capitão ainda não havia deixado o dela.

— Cheira como você.

— Uma flor amassada?

— Sim.

— Que lisonjeador — ela riu.

Ao som de sua risada, a expressão dele relaxou.

— Toque meu rosto novamente.

Apesar de seu senso de cautela, Despina levou a mão até o queixo de Jalal e se inclinou na

direção dele. Ele cheirava a suor e aço e grama recém-cortada.

Tão mais que somente um rapaz com sorriso arrogante.

Jalal se inclinou contra a mão dela.

— Se eu tivesse ganhado a aposta, teria perguntado seu nome.

— Só isso? — Despina riu pelo nariz.

— E então perguntaria quando você me beijaria.

— Apenas um beijo?

— Apenas um beijo. Nada mais.

O coração dela acelerou.

— Como espera que eu acredite nisso, dada a sua reputação?

— O tempo dirá. — Ele chegou mais perto, se apoiando num dos cotovelos. Um dedo

cauteloso passou por trás da orelha de Despina.

E, por um instante, ambos se esqueceram de quem eram.

O capitão da guarda real. E a criada da rainha.

Ela o beijou primeiro.

Sem pensar. Sem aviso. Seus lábios encontraram os dele.

Surpreso, Jalal caiu de costas no chão. Seus braços enlaçaram Despina. Quando ele retribuiu

o beijo, tirou completamente o seu fôlego. O toque de sua língua na dela liberou um rodamoinho

enlouquecedor de desejo dentro de Despina.

Nenhum rapaz jamais a beijara assim.

Nenhum homem jamais a beijaria assim.

— Despina — ela sussurrou. — Meu nome é Despina.



Infinitas possibilidades

Despina esperou o dia todo que a califa a chamasse..

Esperou o dia todo pela califa. *Não* por Jalal al-Khoury.

Ela tinha certeza de que a jovem rainha mandaria chamá-la. Afinal, elas haviam passado um

bom tempo juntas na tarde do dia anterior, e a califa fora receptiva aos cosméticos que Despina

levava a seus aposentos.

Para não falar da conversa sobre o presente da jovem rainha para o califa.

Mas o sol nasceu e se pôs sem que Despina recebesse uma única palavra da

califa ou de seus

criados.

Quando ela voltou para seu quarto, encontrou um ramo de jasmim diante de sua porta.

Seu coração acelerou ao vê-lo.

Não. Apenas uma tola se deixaria enganar por tal artifício.

Se deixaria enganar por aquele rapaz.

Mesmo que ele de fato soubesse beijar como um homem.

Apesar do descompasso de seu coração, Despina ignorou o pequeno ramo de flores. Se desse

sorte, elas abririam durante a noite e deixariam uma lembrança perfumada em sua porta.

O dia seguinte chegou e se foi sem uma palavra da califa. A esperança que Despina nutria

havia dois dias começou a desaparecer; a jovem rainha não tinha nenhuma intenção de trazer

Despina para seu séquito.

Nenhuma intenção de trazer uma nova criada para partilhar suas confidências.

Mas Despina não se permitiu cair em desespero. Por que, pelo visto, a califa não iria chamar

atenção para a inutilidade da jovem. A conversa que tiveram havia produzido pelo menos um dos

resultados esperados.

Despina não seria realocada ou mandada embora.

Era o que tinha.

Ela passou o terceiro dia depois de seu fortuito encontro com a rainha — e seu passeio

malsucedido com o capitão da guarda — reorganizando a já impecável pilha de seda e damasco.

Quando Despina saiu da sala onde guardava os trajes reais e atravessou os aposentos vazios

da rainha, viu o pergaminho com a linda caligrafia enrolado junto a outros. Deixado de lado,

inacabado.

Apesar de parar para olhar, Despina sabia que não tinha direito de insistir no assunto. Não

tinha direito e não lhe cabia tal intromissão.

A jovem califa tomaria suas próprias decisões. Escolheria seu próprio caminho.

Como há duas noites, quando voltou a seus aposentos ao entardecer, Despina encontrou um

ramo de jasmim à sua porta.

Ela passou por cima. Pensou melhor.

Suspirou.

E levou as flores para dentro.



Dias sombrios e uma noite de luz

Infelizmente toda a espera de Despina se provou inútil, pois a califa nunca mais a requisitou.

Vários meses se passaram em relativa obscuridade. Mas Despina continuava a esperar por uma

mensagem da rainha. A esperar...

Por uma tragédia que atingiu o âmago de seu mundo.

O palácio estava escondido nas sombras, enlutado durante os últimos dois dias e duas noites.

Por onde quer que Despina andasse, avistava criados na ponta dos pés pelos corredores, os

ombros caídos e as vozes sussurrantes.

Todos os rostos com que deparava estavam em agonia, todos os olhos vermelhos.

Não haviam mais lágrimas para derramar.

A jovem califa de Khorasan — Ava, a moça que estudava caligrafia e falava com a suavidade

de uma brisa — pusera.

Havia duas manhãs, o próprio califa a encontrara naquela mesma varanda, fria, inerte e

sozinha.

Por sorte, Despina não testemunhou o que acontecera naquela fatídica manhã.

Ela escutara os lamentos de dor à medida que a notícia se espalhou pelos corredores de

mármore. Ela ouvira os criados da rainha chorar aos céus.

De relance, ela avistara o califa.

Assombrado. Horripilante.

O único rosto que ela ainda não vira era o de Jalal al-Khoury.

Desde a noite em que levara o ramo de jasmim para dentro de seu quarto, não se passara um

dia em que ela não visse o capitão da guarda. Era como se ele planejasse estar exatamente no

mesmo lugar que ela no momento mais oportuno do dia.

Palavras eram trocadas com frequência. Provocações. Palavras persuasivas. Beijos rápidos

roubados em horas pouco usuais. Em momentos em que tinham certeza de que não estavam

sendo observados por olhares distraídos.

Após várias semanas disso, ele começou a fazer um novo pedido. Durante o último mês, não

houvera um dia sequer em que Jalal não lhe pedisse que passasse a noite com ele.

Despina nunca o fizera.

Se perder em alguns beijos era uma coisa. Ser tão tola quanto sua mãe era outra bem

diferente. Ela se recusava a ser amante de um homem rico, a ser descartada quando ele bem

entendesse. E ela certamente não seria o brinquedo de um notório canalha como Jalal al-Khoury.

Não importava o quanto seu coração implorasse para que ela olhasse a questão com outros

olhos.

Não importava o quanto a ausência dele naqueles últimos dias problemáticos a

afetasse.

Despina não sabia se deveria procurá-lo. Talvez Jalal achasse impróprio ela andar pelos

corredores procurando por ele. Afinal, naquele palácio ela não passava de uma criada.

Mas ela precisava saber se ele estava bem. Os eventos recentes exigiam que ela soubesse.

Mais cedo, naquela tarde, uma sombra ainda mais negra pairara sobre o palácio. Apesar de a

jovem rainha ter sido enterrada ao entardecer, e todos devessem já estar começando a se

recuperar, algo sinistro havia acontecido. Despina ficou sabendo que a guarda real havia sido

enviada para acompanhar o rei numa visita ao pai de sua falecida esposa.

Despina não viu quando eles voltaram. Mas pôde sentir a sombra que se aproximava. A mão

fria do mal parecia segurar com força o palácio.

E agora ela não podia mais negar o aperto que sentia em seu coração.

Despina tinha que ver Jalal.

Mais tarde, naquela noite, ela percorreu os corredores do palácio, um círio perfumado em

uma das mãos. Ela vestia um robe solto sobre sua camisola de linho. Seu cabelo estava solto,

cascadeando sob as costas. Seu reflexo num espelho do trajeto pareceu fantasmagórico — uma

criatura de pesadelos: olhos fundos e rosto pálido.

Despina tentou ajeitar o cabelo, mas não o fez com vontade. De qualquer modo, achou que

ninguém no palácio estaria muito preocupado com aparências ou decoro naquele momento. A

situação atual era de desordem, agitação.

Uma jovem criada vagando pelos corredores à noite, em suas roupas mais simples e com

cabelo despenteado, seria certamente a menor das preocupações de qualquer um.

Despina caminhou pelo corredor que levava à ala do palácio em que ficavam os membros

mais distintos da guarda real. Como Jalal era também membro da família real, ela sabia que ele

tinha a possibilidade de ter aposentos maiores na ala Leste, com o restante da família. Seu pai, o

shahrbān, tinha um elegante aposento ali.

Mas Jalal tinha optado por ficar com um quarto próximo aos homens que liderava.

Era um quarto fácil de localizar. O único com um guarda na porta.

Despina parou. Olhou rapidamente em volta. Apertou o robe solto contra o corpo.

Ela pigarreou e manteve a cabeça erguida.

— Tenho uma mensagem para o capitão.

O guarda pareceu cauteloso, mas mesmo assim esperou que ela desse mais detalhes.

— Eu... eu era criada da... rainha — ela sussurrou.

Imediatamente o guarda olhou ao redor. Então deu um passo para o lado, a cara tão séria

quanto a dela.

Sem hesitar, Despina levantou o punho e bateu duas vezes na porta de madeira maciça.

Sem resposta.

Ergueu o punho novamente. Três batidas fortes.

Sem resposta.

— Capitão al-Khoury? — chamou. — Tenho uma mensagem para você.

Outro momento se passou em silêncio total.

Suspirando, Despina se virou.

— Entre — uma voz abafada disse de detrás da porta.

Dessa vez, Despina hesitou. A voz lá dentro não parecia nada com a que ela conhecia.

Quando Despina experimentou a maçaneta, percebeu que estava destrancada. Ela a abriu, o ruído

cortando o pesado silêncio.

O quarto estava no breu, a não ser pela luz do círio que ela trazia consigo.

Jalal estava sentado no chão de pedra, as costas na parede.

Ele nada disse. Nem sequer olhou na direção dela.

Despina demorou apenas um instante antes de se dirigir a ele.

— Jalal?

Ele se virou para ela. Numa lentidão agonizante.

Mesmo à pouca luz, sua expressão assombrada fez com que ela se apressasse a ficar ao seu

lado.

— Você está aqui — ele falou numa voz quase inaudível. — Você está aqui.

Ela se acocorou ao lado dele e aproximou o círio para ver seu rosto, frases tranquilizadoras se

acumulando em sua mente, enquanto sua mão se erguia para...

A capa dele estava manchada de vermelho, bem no meio.

Despina segurou a respiração, colocando o círio no chão de pedra antes de tocar novamente o

capitão.

— Você está ferido.

— Não.

— Não banque o herói — Despina insistiu, suas mãos procurando a origem do sangue. —

Você está sangrando.

— O sangue não é meu.

— Então é de quem?

Ele não respondeu de imediato.

— Jalal?

— É... do pai da Ava.

Ela prendeu a respiração novamente.

— Você matou o pai da Ava?

— Não. — Jalal abaixou a cabeça. Sem uma palavra, seu rosto caiu em suas mãos manchadas

de sangue.

Despina sentou ao seu lado. Trouxe uma bacia d'água para perto e, em silêncio, removeu a

capa ensanguentada.

Com muito cuidado, ela lavou o sangue das mãos dele.

Jalal a puxou para perto.

— Não vá embora. Por favor, não vá embora.

— Não irei.



A lealdade de uma família

Despina segurou a maçaneta da porta de seu quarto. E a trancou.

Uma vez. Duas vezes.

E então correu para o espelho pendurado na parede. Sem hesitar, tirou as saias. Chutou as

sandálias. Se livrou de todas as peças.

Ela encarou o corpo nu no reflexo diante dela. Virou-se para um lado e para o outro,

estudando cada curva em busca de algum indício que pudesse entregá-la.

Não.

Não dava para notar ainda.

Ninguém seria capaz de dizer que ela estava grávida.

Do alívio, ela passou a uma sombria epifania.

Não será assim por muito mais tempo.

Ela tinha apenas poucos meses para manter isso em segredo. Apenas alguns meses para

buscar a ordem no caos que ela mesma forjou.

O caos de poucos meses passados com Jalal al-Khoury.

Despina continuou a olhar para seu reflexo, em silêncio.

Tola. Tola sem valor.

Estava se tornando sua mãe. Carregando uma criança de um homem que não era seu marido.

Carregando o filho de um homem que nunca a veria como uma igual. Cujas família e amigos a

julgariam uma prostituta golpista.

Pior ainda, Despina havia se apaixonado pelo canalha. Uma vida cuidadosamente planejada

desfeita em menos de uma estação.

Ela chegou mais perto do espelho, na esperança de o reflexo desaparecer. Só por um

momento.

Tantos segredos. Tantas mentiras.

Num instante, de súbito, ela tomou uma decisão. Despina não contaria a Jalal sobre seu filho.

Ele não deveria jamais saber o que isso significava para ela. Ele não deveria jamais saber o

quanto ela o amava.

Nunca daria a nenhum homem esse tipo de poder sobre ela.

Não. Despina continuaria trabalhando no palácio até que não fosse mais possível esconder a verdade.

Então colocaria sua vida em ordem, de uma vez por todas. Essa criança não seria criada para temer ou odiar o mundo à sua volta. Curvar-se ou acovardar-se diante de homens sem valor.

Não. O mundo à volta dessa criança é que se curvaria diante dela.

Despina juntou seus pertences e se vestiu novamente, de maneira calma e elegante.

Afinal, ela ainda tinha uma missão a cumprir. Precisava preparar os trajes para mais um

casamento. A mortalha nupcial de mais uma rainha.

Ao entardecer, o califa se casaria novamente. Despina já perdera as contas de quantas moças

havam sido trazidas ao palácio para desposar o rei, apenas para morrer no dia seguinte.

Depois das primeiras mortes, Despina preferiu se manter distante. Ela não conseguia olhar

nos olhos daquelas moças, jovens e assustadas, enquanto marchavam para seu fim. Não podia

aguentar a destruição sem sentido da vida.

Em vez disso, preferiu se concentrar em criar os trajes de casamento mais lindos já vistos para

cada uma daquelas pobres almas. Um terrível presente final. Mas o melhor que ela podia fazer.

Haviam dito que essa moça era adorável. Pequena. Orgulhosa. Olhos como um mosaico de

muitas tonalidades.

Para essa jovem com olhos de muitas cores, Despina escolheu um damasco prateado com

rubis vermelhos.

Sem uma palavra, Despina entrou nos aposentos da rainha e entregou os trajes às criadas que

vestiriam a jovem amaldiçoada naquela noite.

— Você soube? — Ruha perguntou baixo, assim que as duas moças saíram. — Essa se

voluntariou.

Despina encarou Ruha.

— Como?

— Ela se voluntariou para casar com o califa.

Despina piscou.

— Pobre tola.

— Por que ela faria uma coisa dessas? — Ruha olhou para o chão, perdida em pensamentos.

— Quem sabe o que leva as pessoas a agir como agem?

— Você acha que ela é maluca?

— Precisaria ser, para casar com tal homem. — Despina ajeitou as dobras de sua

saia. — Ou

talvez ela apenas queira resolver as coisas do jeito dela. — Despina ergueu o queixo. — Talvez

queira assumir o controle de seu próprio destino. — Seu olhar se perdeu no chão. — O tempo lhe

dirá a inutilidade de tal esforço.

— E isso é sequer possível? — Ruha sussurrou. — Você acha que ela poderia fazer o califa

cair em si? Ou talvez...

— Não há como saber ao certo o que se passa nos cantos escuros da mente. — Despina andou

em direção à porta. No último instante, olhou sob o ombro para a criada preocupada.

— Mas eu *sei* que tudo é possível — Despina concluiu baixinho. — Desde que haja uma

vontade firme por trás. — Ela tocou a maçaneta da porta dos aposentos, sua decisão pulsando nas

veias.

Não. Sua criança não se curvaria para ninguém.

O mundo cairia a seus pés antes.

Despina garantiria isso.



Sobre a autora

© Chuck Eaton

Renée Ahdieh é autora de *A fúria e a aurora* e *A rosa e a adaga*, selecionados entre os melhores lançamentos do ano pela crítica norte-americana. Quando não está escrevendo, Renée gosta de cozinhar, de dançar salsa e de

criar conflitos para seus personagens. Ela mora com seu marido persa e seu cachorro Mushu na Carolina do Norte.



Copyright © 2016 by Renée Ahdieh

Copyright da tradução © 2017 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *The Crown & the Arrow; The Mirror & the Maze; The Moth & the Flame*

Editora responsável: **Sarah Czapski Simoni**

Editora assistente: **Veronica Armiliato Gonzalez**

Editora de livros digitais: **Livia Furtado**

Capa e diagramação: **Diego Lima**

Imagem da capa: **Bika_Ambon/Thinkstock**

Revisão: **Maria Marta Cursino e Jane Pessoa**

Conversão para e-book: **Joana De Conti**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo no 54, de 1995).

1ª edição impressa, 2017

1ª edição digital, agosto de 2017

ISBN: 978-85-250-6517-9 (digital)

ISBN: 978-85-250-6498-1 (impresso)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A781c

Renée Ahdieh

Contos de a fúria e a aurora [recurso eletrônico] / Renée Ahdieh ; tradução Fabienne Mercês. - 1. ed. - São Paulo : Globo Alt, 2017.

recurso digital (A fúria e a aurora)

Tradução de: The Crown & the Arrow; The Mirror & the Maze; The Moth & the Flame

Requisitos do sistema:

Formato: ebook

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788525065179 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mercês, Fabienne. II. Título.

CDD: 028.5

17-43962 CDU: 087.5

09/08/2017 10/08/2017

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S. A.

Av. Nove de Julho, 5229 — 01407-907 — São Paulo-SP

www.globolivros.com.br